



27(2):225-226
jul./dez. 2002

EM QUÊ A FILOSOFIA PODE SERVIR A MATEMÁTICOS, OU MESMO A MÚSICOS: mesmo e sobretudo quando ela não fala de música ou de matemática

Gilles Deleuze

Gostaria de falar de um aspecto muito particular. Na situação tradicional, um professor fala diante de estudantes que se iniciam em uma determinada disciplina ou que já têm algum conhecimento de tal disciplina. Esses estudantes cursam também outras disciplinas; há igualmente matérias interdisciplinares, mas secundárias. De forma geral, os estudantes são “julgados” por seu grau de conhecimento dessa ou daquela disciplina abstratamente considerada.

Em Vincennes, a situação é diferente. Um professor, digamos, de filosofia, fala diante de um público que inclui, com diferentes níveis de conhecimento, matemáticos, músicos (de formação clássica ou da *pop music*), psicólogos, historiadores, etc. Ora, em vez de “colocar entre parênteses” essas outras disciplinas para chegar mais facilmente àquela que pretendemos lhes ensinar, os ouvintes, ao contrário, esperam da filosofia, por exemplo, alguma coisa que lhes servirá pessoalmente ou que tenha alguma intersecção com suas outras atividades. A filosofia lhes interessará, não em função de um grau de conhecimento que eles possuiriam tipo de saber, mesmo quando se trata de um grau zero de iniciação,

mas em função direta de sua preocupação, ou seja, das outras matérias ou materiais dos quais eles têm já um certo domínio. É, pois, por conta própria que os ouvintes vêm buscar alguma coisa num curso. O ensino da filosofia orientase, assim, diretamente, pela questão de saber em quê a filosofia pode servir a matemáticos, ou a músicos, etc. – mesmo, e sobretudo, quando ela não fala de música ou de matemática. Um tal ensino não é absolutamente um ensino de cultural geral, ele é pragmático e experimental, sempre fora dele mesmo, precisamente porque os ouvintes são levados a intervir em função de suas necessidades ou abordagens. Em dois pontos importantes, portanto, Vincennes não se encontra na mesma situação que as outras faculdades: de um lado, quanto à distinção entre anos de estudo, uma vez que Vincennes pode fazer coexistir em um mesmo nível de ensino ouvintes de qualificação e de idade diferentes; de outro, o problema da seleção, uma vez que, em Vincennes, a seleção pode se subordinar a um método de “triagem”, pelo qual a direção de um curso será constantemente orientada de acordo com as direções dos ouvintes.

A presença de numerosos trabalhadores e de um grande número de estrangeiros, confirma e reforça essa situação. Ora, objeta-se que um tal ensino não responde às normas e não tem interesse para um estudante tradicional, o qual pretende, legitimamente, adquirir o domínio de uma disciplina em si mesma. Essa objeção nos parece inteiramente infundada; é de grande interesse pedagógico, ao contrário, jogar *no interior* de cada disciplina essas ressonâncias entre níveis e domínios de exterioridade. Não existe ouvinte ou estudante que não chegue com saberes próprios, os quais a disciplina ensinada deve “levar em conta” ao invés de deixá-los de lado. É o único meio de aprender uma matéria por si mesma e a partir de seu interior. Longe de se opor às normas exigidas pelo Ministério, o ensino tal como praticado em Vincennes, deveria fazer parte dessas normas. Mesmo se levarmos em conta o projeto de reforma do ensino superior – instaurar universidades de acordo com o modelo das universidades americanas – seria necessário não suprimir Vincennes, mas criar três ou quatro mais. Especialmente, seria indispensável uma Vincennes-ciências (muitos de nós poderiam freqüentá-la como ouvintes) que seguisse esse método de ensino. Atualmente, esse método está ligado, na verdade, a uma situação específica de Vincennes, a uma história de Vincennes, mas que ninguém poderá suprimir sem fazer desaparecer também uma das principais tentativas de renovação pedagógica na França. O que nos ameaça é uma espécie de lobotomia do ensino, uma espécie de lobotomia dos docentes e dos discentes, à qual Vincennes opõe uma capacidade de resistência.

Publicado originalmente em J. Brunet, B. Cassen, F. Châtelet, P. Merlin, M. Roberieux (orgs.). *Vincennes ou le désir d'apprendre*. Paris : Editions Alain Moureau, 1979, p. 120-121.